D.S.B.

***Aberração***

***– A Série –***

*Escrito por:* Daniel da Silva Bispo, 2006

*Revisão:* Cíntia Roma

*Gênero:* Ficção Científica

14/09/2006

*“Toda história que valha a pena ser contada é sobre uma mulher.” Li essa frase humana certa vez, e relutei em dar-lhe crédito. Entretanto, quando eu mesmo estava preste a assentar por escrito uma história – esta história – que mudaria o conceito do mundo sobre nós, dei-me conta de que mesmo esta não seria realidade se não fosse uma mulher.*

*Desde o primeiro livro da série, ela está subentendida, e até o último é ela quem guia os principais personagens.*

*De fato, passo a concordar com o escrito supracitado, acrescentando que mesmo uma história baseada em fatos reais, que valha a pena ser contada, tem de ser sobre uma mulher.*

***Dedicado ao Lírio entre as Rosas****.*

***Igeute***

**(Prelúdio)**

Atenas, Grécia Antiga. 212 EC[[1]](#footnote-1).

Diógenes e Dário não eram o que se podia chamar de filhos exemplares. Mesmo assim, eles eram a alegria de sua mãe e o orgulho de seu pai. E, embora fossem gêmeos fisicamente idênticos, possuíam temperamentos bem diferentes um do outro.

Diógenes, sempre impetuoso, ainda que da idade de oito anos, agia como se tivesse uns vinte, a não ser nas ocasiões em que voltar a ser criança lhe era de maior proveito. Estava voltando de uma caça malsucedida a uma raposa que andava rondando o poleiro.

Dário, por sua vez, estava desenvolvendo mais um invento, algo muito semelhante ao que nos dias atuais os humanos chamam de telescópio, que tinha por objetivo ajuda-lo a espiar a jovem Helena, da fazenda vizinha. Obviamente sua curiosidade e inteligência nem sempre era usada para propósitos nobres.

- E aí filho, encontrou aquela danada? – perguntou o pai dos gêmeos, em tom de sarcasmo, a Diógenes, que voltava bufando como um touro selvagem.

- Ela ainda há de se ver comigo! Quando a pegar, ela irá caçar galinhas no reino de Hades!

- Diógenes! – replicou a mãe – isso são modos, meu filho?

Ocupado com seu “importante” projeto, Dário ria-se das trapalhadas do irmão. Mas ele não haveria de continuar rindo. Na verdade, se possuísse o poder das Parcas ou a habilidade do Oráculo, saberia que jamais haveria de usar aquilo em que depositava todo seu tempo e atenção.

Naquele fim de tarde, enquanto Diógenes, ainda nervoso, olhava pela janela do quarto o lago que ficava ao lado da casa, algo tirou a concentração de Dário, que, até o momento, estava toda depositada em seu invento. A mesa sobre a qual muitas peças estavam espalhadas começara a tremer, e, bem distante, podia-se ouvir o som como que de muitas trovoadas. Diógenes também estranhava as ondulações que se formavam no lago. Já os pais dos garotos haviam ido se “deitar” mais cedo e, naturalmente, não puderam ouvir ou sentir os tremores, uma vez que eles próprios causavam o seu terremoto particular. Dário levantou-se, dirigindo-se para fora, a fim de matar sua curiosidade. O que viu ficou marcado pelo resto de sua vida.

O céu nublado estava avermelhado e começava a ficar carregado de raios e trovões. Ao longe, sinais de fumaça. Pontos luminosos pareciam cair do céu. A cena deixou-o paralisado. Embora sua vontade fosse de correr, suas pernas não lhe obedeciam. Quisera poder gritar, mas igualmente sua voz não possuía forças. Pela janela, Diógenes via a mesma cena, porém ainda mais assustadora, pois o reflexo no lago, à sua frente, dava uma aparência mais atemorizante a ela. Assemelhava-se ao Aqueronte, faltando-lhe apenas o estranho canoeiro que levava as almas até o mundo dos mortos, como nas histórias contada pelo seu avô, que não parecia viver naquele século.

O tremor pareceu aumentar. Dário olhou para cima e, subitamente, de entre as grossas nuvens surgiu uma bola de fogo que caía, vertiginosamente, à toda velocidade. No ínterim, Diógenes saltou pela janela em direção ao “Aqueronte”, impulsionado pelo grito do irmão. Bem a tempo. A grande bola de fogo atingiu em cheio a casa dos garotos. Dário foi lançado para longe.

Quando pode se levantar, ele olhou e eis que sua casa não estava mais ali. No lugar havia uma gigantesca cratera. Devia ter uns três metros de cumprimento. O lago, ao lado da cratera, derramava suas águas para dentro dela. Estranhamente, a água da cratera congelou quase que instantaneamente após esta ter se enchido completamente. Dário, erguendo-se com dificuldade, estando chamuscado e machucado, manquejou até a pequena lagoa congelada que acabara de se formar. Observou então que, lá no fundo, uma silhueta brilhava intensamente: seu irmão.

Dário ficou desesperado e sua reação foi socar o gelo com fúria. Este se fez em mil pedaços com um único soco! Dário, inesperadamente, afundou como uma pedra, apanhando então a seu irmão. Trouxe-o sem a menor dificuldade para cima, arrastando-o para fora. Diógenes parecia feito de gelo, pois sua pela estava fria e arroxeada. Dário, sentado no chão, colocou a cabeça de seu irmão sobre seu colo e o abraçou desesperadamente.

Aquele que outrora fora seu companheiro em muitas travessuras, agora, assim como seus pais, já não existia.

***Irholis***

**(Deuses)**

C

onsidere uma sala. Não uma sala qualquer. Uma sala palaciana. Sua localização não é importante agora, nem tampouco a do castelo onde ela se encontra. Não é muito grande, mas é grande o suficiente para conter uma mesa de formato triangular, cuja base é menor que as laterais, cinco cadeiras, dispostas em volta da mesa, e um holovisor. Há uma janela que dá para o jardim, e uma entrada aparentemente sem porta.

Na mesa estão escritos os nomes de seus ocupantes, nomes estes que, por estarem em nossa língua, não são facilmente compreendidos pelos humanos. Tentarei escrevê-los de maneira que o leitor humano possa entender. À frente da cadeira que fica na base não há um nome, mas sim um título, “Jortt”, que traduzido significa “o Mestre”. À direita da base, da base para a ponta da mesa, estão escritos os nomes: “Aknyra”, que significa literalmente “Energia Pura”, e “Riutt”, ou seja, “De Origem Taurina”. À esquerda da base, da base para a ponta, estão os nomes: “Leygha”, isto é, “Meio Formado”, e “Zogt”, “Feito da Rocha”.

Aos poucos, um a um foram chegando e ocupando seus lugares. O primeiro a se fazer presente, como sempre, foi Leygha, que era, como se diria no país de onde veio, um “filhinho de papai”. Seu rosto era parcialmente coberto por seus longos cabelos louros, deixando visível apenas um de seus olhos azuis. Pouco depois chegou Zogt, que fazia jus a seu nome. Estava sempre fechado, frio como uma rocha. Este era extremamente inflexível e não gostava de brincadeiras. Em seguida veio Riutt, com seus dois metros e vinte e cinco de altura, ombros e peito largos, com uma eterna expressão no rosto de quem está pronto para armar confusão. Aknyra não se fez presente. Era a primeira vez que faltava a uma reunião mensal, principalmente quando o assunto deveria ser repercutido por todo o império logo que se fizesse finda a reunião. Havia, contudo, quem lhe substituísse. Kenya, cujo nome quer dizer literalmente “Dragão de Fogo”, era alguém totalmente estranho. Não estranho como achariam os humanos, pois, aos olhos destes, todos nós o somos. Mas era estranho mesmo aos nossos olhos. Estava sempre com uma expressão triste no rosto, como se nunca tivesse sorrido. Acho que de fato, se sorriu, foi na sua infância...

Ah! A infância... pouquíssimos conseguem se lembrar dela. E este era um dos motivos da infelicidade de Kenya. Algo no seu passado o atormentava. O quê, porém, ele não sabia, pois não se lembrava. No entanto, neste dia, ele parecia mais amarrado aos seus pensamentos do que o normal. Nem sequer ouviu os cumprimentos de seus companheiros de sala. Nem ao menos viu quando o Jortt entrou; tampouco se levantou perante sua presença, como fizeram os demais. Mas não havia o que temer. Apesar do medo que sua vestimenta poderia impor sobre alguém, Brahfma era extremamente tolerante. O porquê desse nome, ou o que este significava, ninguém sabia, mas era assim que gostava de ser tratado, e não pelo seu título. Era o supremo em poder, e, no entanto, gostava de se misturar com os demais. De maneira que, porquanto no palácio, ele mantinha o seu rosto coberto para que, quando estivesse entre o povo, não fosse reconhecido. Apenas seus lábios e queixo ficavam descobertos. Pendurado em seu pescoço estava um medalhão cujo formato era o mesmo do desenho que decorava a mesa, a saber, uma aranha. Usava também uma longa capa vermelha, sendo negra sua roupa, que possuía algumas partes semelhantes a metal.

- Não deixe o seu passado devorar-lhe o presente, Kenya – disse, tocando-lhe o ombro.

- Brahf...! – ameaçou levantar-se, mas a pesada, porém, carinhosa mão de Brahfma não lho permitiu.

(Traduzir o nosso modo de nos expressarmos sem que o sentido se perca no processo é extremamente difícil. Todas as línguas e maneiras de se expressar humanas são muito primitivas se comparadas com nossa língua, com nosso modo de nos expressarmos. Este foi o principal motivo pelo qual demorei tanto em revelar-lhes nossa existência, a existência dos Ibotts. Por isso, esforçar-me-ei ao máximo para ser o mais veraz possível na tradução dos diálogos. E, mesmo assim, não sei se conseguirei expressar em termos humanos todos os sentimentos envolvidos).

- Já vi muitos Ibotts chegarem à loucura ao tentarem se lembrar do passado.

- Mas, meu Mestre, estou tão próximo... como nunca antes estive!

- Apenas toma cuidado! – e, dizendo isso, deu-lhe as costas, dirigindo-se ao holovisor.

Não era mais do que uma simples e pequena pirâmide em cima da mesa, posicionada próximo à sua base. Mas, ao mero toque de Celsonoatt, isto é, do “Conselheiro” (que aliás, parecia mais ser um guarda-costas, já que nunca abandonava o Jortt), a janela se fechou, bem como a passagem que dava acesso à sala, e a iluminação produzida artificialmente pelo teto da sala diminuiu consideravelmente.

Imediatamente, a imagem de Brahfma foi reproduzida holograficamente ao seu lado, com uma perfeição impressionável a qualquer humano. Apontando para si mesmo, isto é, para seu holograma, que começara agora a brilhar, como se fosse uma lâmpada, disse:

- Quem poderia definir para mim esta energia que controlamos, a qual chamamos de Fetcis?

Acho desnecessário dizer quem foi o primeiro a falar.

- Fetcis é a misteriosa energia que deu origem ao universo, Senhor, energia esta que os humanos são incapazes sequer de suportar, podendo até mesmo serem por ela consumidos, caso se aproximem de alguma fonte de Fetcis, como, por exemplo, os asteróides que vêm sabe-se lá de onde no espaço, ou então, porque não dizer, de nós mesmos! – Leygha disse isso como se ele o tivesse descoberto, e sua feição não escondia o orgulho que sentia de si mesmo: um deus que devesse ser adorado por aqueles que não eram capazes de manipular a Fetcis.

- Muito bem, Leygha – elogiou-o Brahfma – mas, sinto informar-lhe de que você está parcialmente enganado. – Riutt riu-se com o comentário; Brahfma, ignorando-o, continuou – Na realidade, durante muitos séculos, todos nós estávamos enganados!

Brahfma tocou o seu holograma, que pareceu aumentar rapidamente de tamanho, sem, contudo, ocupar mais espaço na sala. Cresceu, até que suas células pudessem ser vistas, até que uma célula pudesse ser melhor analisada. E esta fez-se em duas. Uma se posicionou à direita de Brahfma, e a outra à sua esquerda.

- A célula que vocês vêem à minha direita é de um humano; à minha esquerda, a de um Ibott. Qual a diferença?

Zogt coçou a cabeça ao dizer:

- Nenhuma?!

- Tem certeza? Olhe com mais atenção... – ao dizer isso, como que tocou ambas as células, que se partiram ao meio, tornando visível seu interior. Após alguns instantes de silêncio, enquanto todos analisavam bem as diferenças entre o interior da célula humana e da célula Ibott, Leygha falou:

- A nossa possui um elemento a mais que parece brilhar... isso seria Fetcis?

- Você pode chamar de Fetcis, eu chamo Radiação.

Todos, com exceção de Kenya, que era como se não estivesse ali, começaram a falar consigo mesmos, como se não estivessem entendendo. Afinal de contas, radiação era uma palavra humana. Eles eram deuses!

A luz se ascendeu, os hologramas desapareceram, e Brahfma começou a falar em um tom que parecia contradizer o que estava se passando na mente de todos:

- Foi-se o tempo em que nos iludíamos com crendices humanas. Não somos humanos. Somos Ibotts, aberrações aos olhos dos humanos. Sua tecnologia, quando comparada com a nossa, é semelhante àquela da qual dispunha o inventor da roda, quando comparada com a deles. Nesse sentido, somos como que deuses perto deles. Podemos até permitir que os do Povo nos tratem como deuses por podermos manipular a Fetcis e eles não. Contudo, não podemos mais achar que somos assim porque foi um desejo da Fetcis. Somos assim porque evoluímos através de um tipo de radiação totalmente diferente das conhecidas pelos humanos, a qual chamamos de Feticis.

“Os ‘asteróides que vêm sabe-se lá de onde’, como disse Leygha, são fontes primárias dessa radiação, que pode ser tanto particulada como ondulatória, ou ambas as formas. Demorei um pouco para entendê-la, mas só o consegui porque abandonei essas crendices há muito.

“Embora não exista sequer um Ibott igual ao outro, uma vez que o ADN de cada um é alterado de maneiras diferentes, essa radiação tem um efeito em comum: *nos privar do controle emocional*. Havia Ibotts que tinham a habilidade de controlar os sentimentos, ou força de vontade, de outros, como vocês bem devem saber, mas, mesmo estes, não eram capazes de controlar seus próprios sentimentos. É por isso que precisamos de tanto treinamento, para conseguirmos nos controlar. Muitos de nós nascemos Ibotts. Outros se tornaram Ibotts pela exposição a essa radiação. Alguns, como nós, são capazes de manipular tal radiação, outros, os do Povo, não. Mas, sem exceção, todos precisamos do devido treinamento a fim de não perdermos o controle sobre nossos sentimentos.

“Sim, um humano não necessariamente é dilacerado pela Fetcis, Leygha. Às vezes, quando a situação o permite, ele sobrevive, tornando-se um de nós. Todos sabemos muito bem disso, mas agora sabemos também o porquê.

“Conselheiro! Para ilustrar, poderia nos explicar por quê os Ibotts têm tanta dificuldade em guardar na memória mais do que cinqüenta anos de sua existência, sendo que a maioria guarda bem menos do que isso?

- Imagino que seja por causa do esforço mental constante que fazemos a fim de controlarmos nossas emoções.

- Dito de maneira simples é isso – confirmou Brahfma – e, com tal esforço, as informações mais antigas ou banais são perdidas. Contudo, isto é apenas uma teoria, diferente do que já disse antes sobre a radiação que somos capazes de controlar, uma vez que, mesmo para nós, o cérebro é um mistério!

- E uma teoria muito incompleta – Kenya falou, dando um pequeno “susto” em todos – já que, quando nos esforçamos da maneira certa, lembramo-nos de nosso passado, assim como *eu* acabo de me lembrar do meu! – Kenya riu-se. Ora, agora todos estavam com uma expressão de curiosidade no rosto. Até que uma voz rompeu o silêncio causado:

- E será que o senhor pode dividir conosco o seu passado, pai?

***I Nup Cnitoai Jias***

**(E as trevas tornam-se luz)**

O

s olhos de todos fitavam Kenya, agora. Mesmo Brahfma parecia estar curioso quanto ao passado de Kenya. Poderia isso ser possível? Não que esse feito não tivesse precedentes, mas o melhor que um Ibott já pôde fazer, quanto a se lembrar do passado, não representava mais do que cinqüenta anos, e Kenya já estava beirando os seus cento e sessenta anos! Lembrar-se de um ocorrido é uma coisa, mas lembrar-se-ia dos detalhes? Brahfma esperava que não.

O Jortt sentou-se em sua poltrona na base da mesa, recostando-se como que para ouvir melhor. Kenya parecia ter entrado em transe. Era como se estivesse vasculhando sua mente, como se quisesse arrancar até o mínimo detalhe de seu passado há muito esquecido.

Passados alguns instantes, pôs-se de pé. Seu olhar fitava o nada. Andando para lá e para cá, em passos lentos, começou a narrar o seu passado como que para si mesmo, embora o fizesse em voz alta para que todos na sala ouvissem:

- Foi na Grécia. É... foi na Grécia mesmo. Em Atenas, quiçá, mas não muito perto do centro. Minha casa ficava num vilarejo não muito longe da Acrópole. Sei porque, não raro, ia com meus pais ao templo de Atenas, no Pártenon, e não levava mais do que um dia e meio de viajem a pé. Eles eram muito devotos aos deuses gregos. Eu sempre ficava entediado nessas viagens. Não sei porque, mas detestava ir até a Acrópole. Não pela distância. Até gostava de viajar. Só não gostava de ir para lá, em especial. Vai entender... tinha só sete anos quando fui pela última vez. – suspirou. Continuou - Até parece que foi ontem. As ruas estavam sempre movimentadas. As pessoas sempre com pressa. E havia umas pessoas que falavam de maneira esquisita. Eu achava engraçado o modo delas conversarem; não entendia uma vírgula sequer. Mas meu pai parecia odiá-las. Ele as chamava de ‘Turcos Mandões’. Acho que era esse o termo. No Pártenon só havia ruínas. Não havia nada de belo, era muito sem graça a meu ver. Mas sempre havia aqueles que não podiam visitar a Acrópole sem parar para fazer suas preces. Meu pai era um deles. Na verdade, acho que ele e minha mãe eram os mais fiéis. Faziam muitas reverências e rituais antes de começarem suas orações, as quais muito pouco entendia. Fazia as minhas também. Nada de especial. Pedia apenas para que nossa família nunca fosse separada. O que minha mãe pedia eu não sei, porque ela sempre orava em voz baixa. Já meu pai falava alto e bonito. Gostava muito de ouvi-lo. E, embora nunca repetisse o mesmo discurso, sempre terminava com a mesma frase: “Grande Atenas! Permitas que teu guerreiro volte vivo da batalha à qual o incumbiste!” Lembrei! Era sempre isso o que acontecia. Por isso eu odiava ir ao Pártenon. Sempre depois de irmos lá, meu pai ia para estas batalhas contra sei-lá-quem e ficava muitos dias longe. Mamãe ficava muito aflita. E daquela vez não foi diferente. Voltamos para casa e papai se foi.

“Foi a vez que ele mais demorou. Ficou mais de um mês fora, e quebrou sua promessa. Prometeu-me que voltaria antes do meu oitavo aniversário, e não o fez. Aquela noite foi longa. Muita gente em casa, todos querendo me abençoar e pôr suas mãos sobre mim. Eu... eu só queria meu pai de volta. Dormi na janela do meu quarto, enquanto olhava para fora na esperança de avistá-lo. E minha mãe, que havia ido me consolar, adormeceu ao meu lado. Nossa vida nunca fora fácil. Éramos pobres e vivíamos do que ganhávamos na plantação de oliveiras. Às vezes mamãe tinha que trabalhar na casa dos outros. Mas, ainda assim éramos muito felizes. Ficava me perguntando o que aconteceria se papai não voltasse. Mas, para alegria minha e de minha mãe, ele voltou como sempre. Só que desta vez parecia arrebatado!

“Trazia em uma das mãos flores para minha mãe (não me lembro de outra ocasião em que ela tenha ficado tão feliz com tão pouco), uma túnica sem mangas para mim na outra (não era muito comum este tipo de roupa onde morávamos, mas gostei muito quando vi um amigo usando, e pedi a meu pai. Ele se lembrou!) e, no sorriso, trazia uma notícia para nós dois: ‘Trinta mil com um só golpe! Trinta mil, mulher! Trinta mil daqueles mandões foram esmagados! Os deuses sorriem para nós! Nunca mais terei de deixá-los outra vez!’

“Não entendi bem o que ele quis dizer com tudo o que disse, mas o que importava? Ele nunca mais sairia de perto de nós, e, pela Fetcis! era só o que importava!

“Quão enganado estava... Ah! Se eu já fosse Kenya na época, e não só um ‘Joãozinho’!

============//============

Após uma leve pausa...

- Yoannis Axis. Este era meu nome; o mesmo de meu pai. Minha mãe chamava-se Anna Axi. Lembro-me bem quando esses nomes foram pronunciados dois dias depois por um de nossos vizinhos que, atônito, dizia: ‘Yoannis! Anna! Vocês ouviram falar do que aconteceu ontem à noite no vilarejo próximo daqui???’ Aquela pergunta, embora simples, mudou nossa vida para sempre!

"Meu pai não quis que eu ouvisse a conversa, e por isso minha mãe me levou para dentro de casa, fechou a porta e voltou para ouvir o ocorrido. De onde estava podia vê-los, mas não dava para compreender o que falavam. Todavia, pude perceber que não era nada bom. Meu pai coçava a cabeça ao passo que minha mãe vez por outra colocava a mão frente à boca. Nosso vizinho não parava de falar e gesticular (parecia estar muito assustado). Quando acabou de falar, meu pai baixou a cabeça e disse algo que fez minha mãe abraçá-lo em prantos.

"'O que aconteceu, mamãe?', foi minha pergunta quando meus pais entraram, abraçados, em casa. A resposta? 'Nada, filho. Nada.' Nada? Minha mãe chorava e perguntava em voz baixa a meu pai: 'E agora o que vamos fazer, Yoannis? O que vamos fazer?', mas meu pai respondia com o silêncio.

"O que quer que tenha acontecido no vilarejo vizinho, abalou todo o nosso vilarejo. Todos, desde então, começaram a reforçar as trancas das portas, pregar tábuas nas janelas e a esconder-se em suas casas. Os homens, inclusive meu pai, começaram a fazer trincheiras e armadilhas em torno do vilarejo. Minha mãe tentava me manter o mais ocupado possível dentro de casa, ajudando-a a reforçar a segurança. Não importava o quanto perguntasse, minha mãe não me dizia o que estava acontecendo. Antes me mandava pegar uma coisa ali, levar outra acolá. E assim foi o resto da tarde até o anoitecer. Desde aquela hora meu pai só havia entrado uma vez em casa, para poder se armar.

"Que dia conturbado foi aquele! Enquanto ajudava minha mãe em casa, via de vez em quando pela janela gente correndo para todo canto carregando coisas, outras choravam, e ainda outras tentavam manter a ordem. Meu pai estava em meio a este último grupo. Na verdade, ele parecia um comandante colocando em ordem suas tropas. De repente, após o anoitecer, tudo se calou. Pela fresta da janela que restara em meio às tábuas, dava para ver alguns homens escondidos atrás de trincheiras, ou então na mata. Embora procurasse, não consegui ver meu pai. Tudo estava escuro e calmo. O silêncio era aterrador.

"Minha mãe me puxou para longe da janela e me levou para seu quarto. Arrastamos todos os móveis para fechar a porta. Achávamos que era o suficiente para nos manter seguros, uma vez que o quarto não possuía janelas. Depois ela me colocou em seu colo em cima da cama e me abraçou mui ternamente. E mais uma vez eu perguntei o que estava acontecendo, por que todos estavam com tanto medo. Só então ela me disse, em termos bem simples, como se me quisesse poupar de mais preocupações: 'Uns homens, filho, queimaram todo o vilarejo do outro lado da mata ontem à noite. Nas noites anteriores ocorreram fatos parecidos nos outros vilarejos. Pelo que parece, agora é nossa vez; mas nós estamos preparados para eles! Eles vão ver só! Seu pai vai acabar com eles de uma só vez!'. Mas, quando ela me disse quantos eram, fiquei sem entender. Como podiam três homens causar sozinhos tantos estragos? Agora, pensando nisso, eu tenho certeza: aqueles homens *eram* Ibotts!

- Nenhum Ibott jamais faria isso! - praguejou Riutt

- Não tenha tanta certeza - disse Brahfma, com uma voz calma e distante.

- Você acha mesmo que três humanos poderiam causar tanta confusão, Riutt? - perguntou Kenya

- Ultimamente tenho visto os humanos fazerem tanta barbaridade. Desde a primeira guerra mundial que...

- Estamos falando da década de 1820, muito antes de qualquer guerra mundial!

- Mesmo assim. Se naquela época a humanidade já tivesse a tecnologia de hoje, as guerras mundiais teriam ocorrido bem antes.

- Discordo! - interrompeu Zogt - O barbarismo foi que aumentou. E ainda assim, mesmo que os humanos fossem tão cruéis naquela época, três deles não poderiam causar tanto estrago em tão pouco tempo. Para mim foram os Sitts!

- Até concordo com você quanto ao fato de que nenhum humano poderia fazer tudo isso, mas atribuir o ocorrido a uma lenda! Faça-me o favor!

- E por que não? Toda lenda tem um fundo de verdade.

- Não essa! Seja realista! Ibotts capazes de dar poder a humanos, transformar-se em sombras, com espadas cuja lâmina, além de indestrutível, concentra tanta Fetcis que é capaz de cortar aço como se fosse manteiga??? Eu acho que não!

- Talvez exageraram os fatos...

- Se vocês não se importam, - disse Brahfma - eu quero ouvir o restante da história.

- Obrigado Jortt - agradeceu Kenya. Ele esfregou o rosto e continuou:

- Seja lá quem ou o que eram, o medo ia à frente deles. Todos, inclusive eu, estávamos muito preocupados com isso. E ali, sentado no colo da minha mãe, enquanto ela cantava baixinho uma cantiga, comecei a recordar os dois maravilhosos dias que passamos desde que meu pai voltara.

"Meu pai nunca foi de brincadeiras. Sempre sério, trazia o sustento para casa da melhor maneira que podia. Mas, desde que ele retornara, tudo era motivo para graça. Naquela noite ele fez algo que nunca antes havia feito: Contou para mim estórias até que eu dormisse. Quem sempre o fazia era minha mãe que, desta vez, ouviu ao meu lado as estórias de meu pai.

"No dia seguinte, logo cedo, ele me chamou para ir junto à plantação. Minha mãe ficou para ajudar a preparar o banquete que havíamos programado para aquele dia junto com toda a vizinhança, a fim de comemorarmos a vitória. Passamos a manhã toda lá. Eu achava estranho o fato de termos uma plantação tão grande e sermos tão pobres. Não entendia nada a respeito de impostos, cobranças, sociedades, nem nada disso. Achava que todo o dinheiro das vendas seria nosso. Mas, naquele dia, pouco importava. Eu estava com meu pai, e era só o que importava...

- Ai! Que chatice! - interrompeu Zogt - Pula essa parte! Eu quero saber o que houve com o seu vilarejo! E então, conseguiram fazer algo? Eram mesmo trê...

- Deixa ele falar, Zogt! - exclamou Leygha - Pode ser chato para você, mas eu quero ouvir mais.

- Tudo bem, - continuou Kenya - não precisam discutir. Eu me empolguei. Não é todo dia que um Ibott se lembra de seu passado, e o *meu* passado é importante para mim, mesmo os detalhes, principalmente quando esses detalhes são sobre a minha família!

Com essa declaração ninguém mais ousou interrompê-lo. Todos ali, sem exceção, sabiam, de uma forma ou de outra, o que é perder uma família. E mesmo que, no momento, só Kenya se lembrasse bem da sua, a dor da perda ninguém esquecera.

============//============

Kenya olhou a janela, ainda fechada, como se pudesse ver através dela, e por ela via seu passado.

- Lá estávamos minha mãe e eu, abraçados, relembrando, pensando o que viria a seguir. Eles viriam mesmo? Seriam realmente assim tão cruéis? Os homens do nosso vilarejo conseguiriam detê-los? Todas essas perguntas passavam pela minha cabeça naquela hora, e com certeza não era diferente com minha mãe. E ali, envolto em pensamentos, olhava a fraca chama da lâmpada em cima da mesa, quando o silêncio foi rompido.

"Primeiro, sons como que de cavalos bem distantes invadiram a casa. Depois, sons de gritos de guerra. Então começou uma batalha que parecia não ter fim. Eu queria ir até a sala para poder olhar por entre os vãos da madeira na janela o que se passava lá fora, mas minha mãe me apertava forte contra o seio, imobilizando qualquer movimento meu. Era estranho. Parecia que um exército havia invadido o vilarejo. As pisadas dos cavalos (acho que eram cavalos) faziam tremer o chão, e o barulho de lâminas resvalando eram de dar medo. Era como se, num único toque, uma espada estraçalhasse a outra. Ouvi tiros, também, mas foram poucos. Não demorou muito, e logo um cheiro forte de fumaça invadiu a casa. Minha mãe estava muito trêmula, e me apertava mais agora, com medo. Acho que ficamos uns quinze ou vinte minutos naquela situação, mas pareceu ser uma eternidade. Eu já não agüentava mais ficar ali. Foi quando ouvimos nossa porta ser arrombada.

"Embora o barulho lá fora fosse muito alto, o medo me fazia ouvir apenas os passos do invasor dentro de casa. Ele revirou as coisas, como se estivesse procurando algo. Nossa casa era pequena, e não demoraria muito para ele nos achar. Imediatamente minha mãe me pegou e escondeu-me em baixo da cama, fazendo sinal para que eu fizesse silêncio. Foi quando ele entrou.

"Arrombara a porta, fazendo os móveis caírem. Só conseguia ver seus pés, e eu estava apavorado de mais para me mover a fim de ver melhor. Ele usava uma bota de couro negro, e suas vestes, também negras, chegavam ao tornozelo, como se fosse uma capa. Talvez fosse. A sola da bota parecia ser de ferro. Se sua feição fosse tão amedrontadora quanto seus pés faziam parecer, ele devia ser um monstro!

"Ele falava coisas que não entendia, e o som da sua voz era como que de trovões em meio a uma tempestade. Os pés de mamãe estavam voltados para ele, ao passo que os dele estavam voltados para ela. Ela mantinha silêncio. Aquilo estava me atormentando. Ele falava cada vez mais alto, como se estivesse fazendo uma pergunta, mas não se movia. Derrubou a escrivaninha, o único móvel que ainda estava de pé, como que para intimidar mamãe, que continuava imóvel e em silêncio. Então ele se moveu.

"Seus pés chegaram próximos aos dela. E então ela começou a levitar. Subiu em silêncio, e em silêncio caiu. Caiu com seus lindos olhos abertos voltados para mim. Ela olhava em minha direção, mas não olhava para mim. Olhava o nada. Seus olhos estavam imóveis. Queria chamá-la, mas aí ele me ouviria. Esperei.

"Os pés dele se voltaram em direção da porta e se foram. Logo, a fumaça invadia o quarto. Era evidente que ele havia incendiado a casa. Mas antes que eu tivesse conseguido me erguer, outros pés entraram correndo no quarto. Seu calçado não negava: Era papai! Saí imediatamente de debaixo da cama, e o abracei enquanto ele abraçava mamãe que, até agora, estava imóvel. Achava que era de medo. Papai, com os olhos marejados, a apanhou nos braços e a colocou sobre um dos ombros. Com a outra mão me pegou no colo e nos carregou às pressas para fora da casa.

"Ele nos levou correndo para fora dali, mas não tão depressa que eu não pudesse ver casas em chamas, pessoas caídas no chão, algumas árvores ao longe tombadas, mulheres chorando. Era horrível! Do outro lado, por detrás das casas, havia mais gente, nossos vizinhos, ou o que sobrou deles, todos juntos, prontos para partir. Os homens que invadiram o vilarejo já haviam ido, mas ninguém ali queria ficar, com medo de que eles voltassem. Papai me deixou com um dos nossos vizinhos, o vizinho informante, me dizendo para ficar com ele. Colocou mamãe no chão, com todo o cuidado, e, despedindo-se dela, se foi. Foi a última vez que o vi, desde então. Eu jamais irei esquecer novamente aquele olhar. Um olhar frio e cheio de amargura.

"Eu não ia ficar ali de jeito nenhum! Ia atrás do meu pai! Larguei da mão de meu vizinho, e corri na direção que meu pai correra. Ainda tive tempo de ver a sua silhueta entrando mata adentro. E eu fui atrás. Não me lembro de nenhuma vez ter parado para descansar. Antes, corria incessantemente na direção que eu achava que meu pai tinha ido. Acho que corri sem parar durante horas, sempre na mesma direção, sempre em frente. E cada vez mais a mata se fechava. Até que, ao lado de uma ribanceira, tropecei e rolei barranco abaixo. Tudo escureceu e não vi mais nada.

============//============

- Ainda acha que os três invasores não eram Ibotts, Riutt? - Leygha disse isso rangendo os dentes, estando seus olhos marejados.

(Marejados... Acho que essa é a melhor expressão a ser usada aqui. Afinal de contas, Ibotts não choram. Não, isso não é o que vocês, humanos, chamariam de "machismo". Mesmo as mulheres Ibotts não choram. Isso se deve ao fato de as lágrimas secar ao saírem do globo ocular, de maneira que, mesmo que o Ibott estivesse em prantos, seus olhos estariam apenas "marejados", ou com um brilho diferente. A sensação de "chorar" sem chorar é horrível! Por isso, evitamos ao máximo qualquer sentimento que cause prantos).

Ninguém respondeu, contudo, em respeito aos sentimentos de Kenya e de seu filho. De fato, Kenya tinha toda razão de estar sempre cabisbaixo, com uma expressão triste no rosto. Um passado assim magoaria a qualquer um, porém, ter um passado assim e não se lembrar dele, ficar triste sem saber o porquê, deveria ser ainda pior. E era. Talvez, quando todos os porquês tiverem sido respondidos, ele se sinta mais aliviado.

Kenya pareceu ter entrado novamente em transe. Estava quieto, pensativo, olhando em direção da parede do outro lado da mesa. Ficou assim durante um tempo, até que Zogt quebrou o silêncio:

- Você se lembra do que aconteceu em seguida, Kenya?

- Lembro sim.

- Então, por que parou? Conte-nos! - sua intenção era animar Kenya. Mas parecia não estar funcionando.

- Estava pensando... O que acontecia aqui naquela época?

- Nada de especial. - disse Brahfma - Fui nomeado Jortt uns 10 anos antes. Fora isso, nada de tão diferente que mereça ser relatado. Por que a preocupação?

- Se os invasores foram Ibotts, por que vocês não fizeram nada?

- Se tivéssemos conhecimento do que se passava lá, com certeza teríamos evitado tais catástrofes. Mas, na época, pouco nos importava o mundo dos humanos, e nem se passava pela minha cabeça criar algo como os Duitgaies. Foi bem depois que criamos este cargo, como você talvez se lembre.

- Mais ou menos. Estou lembrando dos fatos conforme vou contando a estória. Talvez me recorde melhor quando chegar nessa parte.

(Datas e acontecimentos passados - eram coisas com as quais os Ibotts não se preocupavam nem um pouco. Apenas Brahfma mantinha em seus aposentos uma espécie de diário, mas mesmo ele só anotava o essencial. Ninguém gostava de seu passado, e a maioria encarava a amnésia uma bênção. Kenya, obviamente, não estava entre esta maioria. Havia uma biblioteca, é claro, mas nenhum dos livros fora escrito com objetivo de se preservar a história, mas sim para distração. Eram apenas contos e mitos, alguns dos quais, é verdade, tinham conotação histórica, mas todos eram encarados como pura lenda, e não deviam ser levados a sério).

- Continue, então.

- Espera um minuto! - Interrompeu Riutt - Me explica uma coisa. Você disse que correu horas a fio sem parar para descansar.

- Disse.

- Isso é impossível para um humano, pelo menos nessa idade!

- Talvez. Mas não sei até que ponto sua afirmação é correta.

- Por quê? Acha mesmo que um humano de oito anos poderia fazer o que você disse 'achar' que fez?

- Não. Acho que talvez *eu* nunca tenha sido humano.

- O que quer dizer?

- Você já vai chegar na mesma conclusão que eu ao ouvir o que aconteceu alguns anos depois. Mas antes, vocês terão de ouvir as entrelinhas.

- Conte-nos, então.

============//============

- Quando acordei estava em uma cama de casal. O teto era de madeira. O quarto todo era de madeira. Apoiei-me sobre os cotovelos para tentar entender onde estava. Por uns instantes achei estar em casa, mas era tudo tão diferente. O quarto era grande, acho que o dobro do de minha mãe. Tudo parecia ser feito à mão. Mesmo a colcha que me cobria, embora de retalhos, era muito bem trabalhada. Ao lado da porta havia um espelho quase da sua altura.

"Enquanto ponderava e me perguntava onde estava, a porta se abriu. Com medo, escondi-me embaixo da coberta. Senti, então, uma mão leve e carinhosa acariciar-me o braço, como que para me acordar. Descobri o rosto para poder ver quem era. Era uma senhora, já de idade, com uma feição muito simpática; trazia no rosto um sorriso e nas mãos o meu café-da-manhã. 'Onde estou?', foi minha pergunta imediata. 'Na minha casa', foi a resposta.

"Ela explicou-me que o seu marido me achara e me trouxera para sua casa. Ela cuidou de mim e lavou minhas roupas. E agora foi a vez dela de fazer perguntas: 'O que aconteceu, você se lembra?' Mas eu não queria dizer-lhe o quão triste estava. Não queria lhe contar que meu pai sumira e minha mãe havia se juntado aos deuses. Então, respondi simplesmente que não me lembrava.

"Não sei porque, mas me sentia bem ali. Me sentia em casa. Não tencionava voltar ao vilarejo. Aquele simpático casal me tratava muito bem. Como nunca tiveram filhos, acho que fui como que uma bênção para eles. O nome dele não me lembro, mas o dela sim. Era o mesmo de minha mãe, Anna. A casa deles era bem afastada, mas eles não precisavam de muita coisa. Eles criavam vários tipos de animais, como galinhas, gado e até ovelhas. De maneira que os animais forneciam o alimento necessário e a floresta fornecia a madeira de que precisavam. Muito raramente nós íamos à cidade.

"Tudo para mim era novidade. Cada coisa que me ensinavam aprendia com zelo. E, sem querer me gabar, fazia muito bem, às vezes, até melhor do que eles mesmos. Aprendi não só a cuidar dos animais, mas também a cozinhar como ninguém”.

- Pela Fetcis! Kenya cozinhando... Eis aí uma coisa que eu gostaria de ver! - Todos riram com o comentário de Riutt. Até Kenya riu. Como era bom vê-lo sorrir. Os presentes ali até achavam que ele não fosse capaz. De fato, a cada quadro de sua história, ele se empolgava mais. Contou alguns relatos engraçados que ocorreram lá na casa "daquele simpático casal", bem como as melhorias que ele mesmo fez na casa. Nunca mais ele reencontrou algum dos seus antigos vizinhos. Mas isso pouco lhe importava. Estava feliz. Sentia muita falta dos pais, é verdade, mas ainda assim ele era feliz.

- Mas isso não durou muito. - disse ele, desanimando um pouco novamente. - Alguns anos depois faleceu o senhor que cuidava de mim. Dona Anna não suportou a dor da partida. Foi definhando, triste, até falecer pouco mais de um ano depois. De maneira que, aos dezesseis anos de idade, encontrei-me só, mais uma vez. Então, a casa ficou para mim por uns tempos. Não me importava em viver só, sendo que a única coisa que me incomodava era não saber o paradeiro de meu pai. Será que ele havia voltado? Não havia pensado nessa possibilidade antes. Meu semblante se encheu de esperança! Tranquei a casa e fui fazer uma visita ao vilarejo, que, aliás, não foi fácil de achar. Decidi, então, ir primeiro até a Acrópole e de lá fui aonde morava pelo caminho costumeiro. Na viagem, lembrei-me das épocas em que caminhávamos ali meus pais e eu, e de como era triste a caminhada de volta, uma vez que esta significava a partida de meu pai. E, então, avistei o vilarejo, o meu vilarejo.

"Só não era mais um vilarejo. Tudo estava diferente, a começar pelas pessoas. Não conhecia ninguém. As casas, com exceção de algumas poucas, não eram as mesmas. Boa parte da floresta foi desmatada, unindo assim os vilarejos vizinhos. Então, visitei as casas que ainda eram iguais a antes, só para constatar que apenas as casas eram as mesmas, mas não seus moradores, sendo que ninguém ali nem sequer ouvira falar de Yoannis Axis. Foi quando aconteceu.

"Estava quase desistindo quando ouvi barulho de briga a alguns metros dali. Segui na direção do som e de fato era uma briga feia, mas nenhum dos que assistiam os separava, apenas assistiam. Um dos homens parecia ser bem forte, ao passo que o outro, o que apanhava, era bem magro. Foi quando o reconheci. O que apanhava era o vizinho informante, aquele que avisara meus pais dos três homens que invadiriam, e invadiram, nosso vilarejo. Pela primeira vez na vida senti vontade de estrangular alguém. Sem parar para pensar nas conseqüências, passei no meio da multidão, peguei o homem forte pela camisa e o joguei para longe dali, como se ele não pesasse mais que uma criança. O estranho era que, para mim, eu não tinha feito nada de mais, até olhar para os olhos espantados dos em minha volta. Foi então que percebi ter feito algo extraordinário.

"Mas não parou por aí. O homem que atirei voltou com toda a força para me pegar, jogando a cabeça com força contra minha barriga. Mas tudo o que ele conseguiu fazer foi me empurrar um pouco. De maneira que coloquei rapidamente meus braços por debaixo dos dele, me aproveitando da posição que ele se encontrava, e rodopiei, jogando-o ao chão. Desta vez ele caiu inconsciente. Talvez, e espero que não, morto. Me voltei para falar com o outro que antes apanhava, mas ele se afastou de mim, como se estivesse com medo. Eu ia dizer-lhe meu nome, mas seus olhos me repeliam. E ele não era o único. Todos ali olhavam para mim com medo. Tremi por dentro, da mesma maneira que uma criança treme ao ver a desaprovação do pai por algo de errado que fez.

"Tentei me aproximar de novo do meu ex-vizinho, mas ele se afastava de mim com pavor e pedia para não lhe tocar. Foi a primeira vez que ouvi o nome ‘aberração’. Não que eu não soubesse o seu significado, mas foi a primeira vez que essa palavra foi dirigida a mim. E todos pareciam concordar com ele.

"'Por que aberração?', eu me perguntava. 'Acabei de salvar um homem que com certeza morreria a golpes'. Eu não entendia. Não sabia do medo dos humanos por aquilo que eles não entendiam. Eu era diferente, e isso era motivo suficiente para eles me temerem. Talvez se eu fosse alguém musculoso não causaria tanto espanto. Mas eu era quase tão magro quanto o homem que apanhava.

"Então, fui embora”.

- Espera um pouco! – Interrompeu Zogt. – Para que você tenha sido um Ibott de nascença, seus pais tinham de ser Ibotts também, ou pelos menos seu pai tinha de ser um.

- Até agora será que disse algo que provou o contrário?

- Não, mas pensa um pouco. Se sua mãe fosse Ibott nada do que ocorreu teria se tornado realidade, ao passo que, se seu pai fosse um Ibott, com certeza o teríamos descoberto.

- É? E o que te garante isso? Afinal, os homens que atacaram nosso vilarejo eram Ibotts, e, no entanto, vocês não tinham conhecimento deles.

- Mas isso é diferente. Com certeza eles eram algum grupo bem organizado e oculto de maneira que não tomamos conhecimento deles, mas seu pai era bem conhecido pelos humanos de sua época. Não teria demorado muito para descobri-lo.

- Tudo bem. Se eu não era um Ibott, como me explica o que acabo de relatar?

- Eu não disse que você não era um Ibott. Discordei apenas do que você disse sobre já ser um de nascença.

- Como então?

- Acaso você se lembra do que aconteceu na noite em que você saiu correndo atrás de seu pai, mata adentro?

- Já disse: tropecei e caí.

- Depois disso.

- Estava inconsciente, como poderia lemb... Espera um pouco! Se eu fosse um Ibott, não teria ficado inconsciente a menos que...

- A menos que o Cosmo lhe tivesse envolvido naquele instante.

- Acho isso pouco provável. – Discordou Brahfma. – Nenhum meteoro radioativo caiu nessa época.

- Mas, e se o cosm..., digo, e se a radiação provinda daqueles Ibotts invasores o tivesse tocado? – quis saber Zogt.

- Ele teria sido consumido por ela. Kenya está certo em duvidar se realmente teríamos conhecimento do pai dele caso ele fosse um Ibott. Há muitos no planeta que ainda não localizamos. Sei disso por causa de algumas elevações no nível de radiação na atmosfera terrestre em certos pontos, radiação essa que não provêm de nenhum dos nossos.

- Mas, meu pai não parecia ter nenhum descontrole emocional. - afirmou Kenya.

- E você?

- Também não, até aquele maldito dia em que resolvi voltar para procurar meu pai. Quando fui chamado de aberração, algo em mim mudou e me deixou furioso! Mas, esse controle que tinha antes não se deve ao fato de já ter nascido Ibott?

- E se o seu pai também fosse um Ibott de nascença? Não adianta especular, Kenya. Talvez fosse melhor que você saísse à procura de pistas do que aconteceu com ele para então poder esclarecer as dúvidas.

- Mas foi exatamente o que fiz na época. Foi assim: Depois de me questionar muito em frente ao espelho a respeito de quem eu era e por que a diferença, percebi que não poderia mais permanecer ali, sem fazer nada. Precisava de respostas, não importava onde elas estivessem. Então, arrendei a fazenda a lavradores e fui em busca dos invasores. Encontrando aqueles três, eu encontraria as respostas às minhas perguntas e também, quem sabe, meu pai.

***Quilge Sen Receu Rott***

**(O dia em que o sol tocou o chão)**

"T

ornei-me então um viajante, indo de lugar em lugar, sempre seguindo as informações de onde ia. O primeiro lugar que fui, claro, foi ao meu antigo vilarejo. Desta vez, porém, procurei não chamar atenção. Fui aos lugares onde achava que encontraria alguma informação de para onde foram os invasores. Mas para quem quer que eu perguntasse, a resposta era sempre: 'Você está louco!'. Claro. Onde já se viu três homens destruírem vários vilarejos em poucas noites! Mas não desisti.

"Fui até a nossa plantação de oliveiras. A plantação ainda estava lá, mas os lavradores eram outros. Menos dois. Reconheci-os assim que os vi. E eles também me reconheceram. Eles estavam no meio da multidão que me viu nocautear o cidadão que batia no meu ex-vizinho uns dias antes. Porém, eles resolveram me ouvir quando lhes disse o que procurava. Em particular, eles me contaram a respeito de outros casos anteriores àquele. E me disseram que os marinheiros contavam estórias parecidas a estas, embora a maioria delas eram bem fantasiosas. De maneira que viajei até o porto de Pireus a fim de conferir isto.

"Engraçado... Não me recordo de ter ido a um porto antes disso. Acho que foi a primeira vez. O cheiro de peixe era muito forte, mas, ao mesmo tempo, a brisa marítima era agradabilíssima! Bem, para encurtar a estória, nenhuma das informações que me passaram foi muito útil, mas, como todas elas pareciam se originar do mesmo lugar, do Havaí, resolvi ir para lá numa embarcação, cujo dono e capitão simpatizara-se comigo. Ele nem cobrou, desde, é claro, que eu trabalhasse no navio para ele. Aproveitei também para aprender o ofício de marinheiro.

"Era uma embarcação sem muita classe, e velha; parecia que ruiria ao simples sopro do vento. A maioria dos marinheiros eram homens velhos, na média de uns quarenta a cinqüenta anos, brigões e bêbados. O único com quem mantive amizade foi mesmo o capitão, e, mesmo com ele, eu falava somente o necessário. Não gostava de estar no meio de muita gente, não *queria* estar no meio daqueles homens. Não por suas aparências. Não pelo fato de eles tirarem sarro de tudo. Nem tampouco era porque eles me ignoravam. Na verdade, muitas vezes até tentaram fazer amizade. Eu é que me isolava. E assim era desde aquele dia no vilarejo; desde aquela hora em que não suportei ver uma injustiça e a raiva tomou conta do meu ser. Mais especificamente, desde aquele instante em que fui chamado de ‘aberração’”!

- Seus hormônios, Kenya, seus hormônios... - disse Brahfma, como se quisesse lhe dar uma pista.

- Pela Fetcis, o senhor tem razão, mestre! - exclamou Kenya

- Razão de quê? - perguntou Leygha.

- Se eu até então não tive nenhum descontrole emocional, era porque, desde a puberdade, nada havia acontecido que fizesse meus hormônios "subirem à flor da pele”.

- Não sei não, - disse Zogt, alisando o queixo, - mas ainda acho que Kenya se tornou Ibott no dia em que correu atrás do seu pai, e foi perdendo seu controle emocional aos poucos desde então.

- Talvez, mas isso não explica tudo. Meu pai, por exemplo. Ele se destacava entre todos não por seus músculos, mas pela sua força. Ele não tinha uma grande massa muscular, e, no entanto, me lembro de minha mãe tagarelando com as amigas, se vangloriando do marido que tinha e das façanhas que fazia.

- Pode ser, pode ser... mas essa estória ainda está muito mal contada.

- Por que não deixamos Kenya se lembrar do seu passado, - interrompeu Riutt, - depois nós discutimos o que é e o que não é sensato crer.

- Continuando, então. Passadas duas semanas, após algumas paradas em outros portos, atracamos no porto havaiano de Hilo. Quando desembarquei, fiquei tão impressionado com a beleza da ilha que quase me esqueci de o porquê estava ali. Era final da tarde, e o sol estava baixando. E que pôr-do-sol! Nunca havia visto igual. Conforme ele ia baixando, ia deixando um rastro avermelhado no céu que, quanto mais se afastava do sol, mais arroxeado ficava. Até que por fim o roxo se tornou negro e o negro tomou conta do céu. Quantas estrelas! Os marujos foram dormir no navio e, pela manhã, partiriam - em duas semanas eles voltariam, de maneira que eu teria apenas esse tempo para encontrar o que eu queria, ou seria deixado para trás - quanto a mim, dormi ali mesmo na praia, ao relento. Tive um sonho estranho naquela noite.

"Acordei com o som de alguém me chamando. Era uma voz melodiosa que gritava pelo meu nome. Levantei-me da areia e fui correndo ver de que se tratava. Ao passar pelas folhas dos arbustos, avistei minha casa, e minha mãe estava ali me chamando. Tinha oito anos novamente. Meu pai estava dentro de casa tomando seu café da manhã. Mas quando eu me sentei, não era meu pai quem me olhava, mas sim o rosto assustado de meu vizinho, aquele a quem eu defendera umas semanas antes. Levantei-me imediatamente e, quando o fiz, a porta atrás de mim como que explodiu. Quando me virei eu o vi: era um daqueles três que invadiram nossa aldeia. Reconheci-o imediatamente quando vi suas botas. Ele usava um sobretudo que se estendia da cabeça aos pés. Porém, não dava para ver o rosto dentro do capuz... era como se aquele que o vestia não estivesse lá. Era como se uma sombra estivesse vestindo o manto. E enquanto eu ponderava, ele puxou algo de dentro de seu manto, mas não deu para ver o que era pois o brilho que emitiu ocupou todo o ambiente. Cobri imediatamente os olhos com o braço, e quando olhei não havia mais nada à minha volta, a não ser fogo por toda a parte. Apenas onde eu estava o fogo não chegava. Estava sozinho. Não era mais um garoto. A raiva tomou conta de mim. Meus punhos, cerrados, ardiam. Era como se todo aquele fogo viesse de mim. Quando olhei para cima, o teto da casa não estava lá, e eu pude ver o sol. Eu podia olhar para ele sem que minhas vistas ardessem, como seria o normal. Mas algo estava errado. O sol estava aumentando de tamanho muito rapidamente. Era como se ele estivesse caindo. E, antes que eu pudesse fazer qualquer coisa, ele me envolveu.

"Então, acordei”.

============//============

Realmente, pensou Brahfma, ele se lembrou dos detalhes.

- Você... você... não pode ser... isso é impossível! - praguejou Riutt, levantando-se e socando a mesa.

- O que é impossível, Riutt? - perguntou Kenya.

- Você sonhar com um Sitt sem nem ao menos nunca ter ouvido falar deles já é um absurdo, mas sonhar com o futuro?!

- Será que em algum momento eu dei a entender que...

- Por que impossível, Riutt??? - esbravejou Zogt

- Lá vamos nós outra vez - suspirou Leygha

- Quer dizer que então você acredita que Kenya teve uma visão do futuro? Ora, que outra coisa seria isso senão ele ter sonhado com habilidades que só agora ele domina e com a queda do meteoro lá no monte Mauna Loa? Tem certeza de que esse sonho você teve na noite em que aportou, Kenya? Não foi depois de...

- Absolutamente! - afirmou Kenya - lembro-me como se fosse ontem. Eu sonhei mesmo com isso antes, porém não...

- Viu só! - interrompeu Zogt - E digo mais! Ele não só sonhou com o futuro imediato, como também sonhou com algo ainda por vir, já que nenhum de nós, nem mesmo ele, viu um Sitt ainda.

- E será que ele não poderia simplesmente tê-lo visto antes? Ainda acho que o que ele sonhou tem que ver com aquela noite em que ele correu atrás do pai e caiu, perdendo os sentidos. Alguma coisa aí não está certa.

- Você está entrando em contradição! Você mesmo disse não acreditar que os Sitts existiam.

- Mas eu não disse que era um Sitt. Disse simplesmente que ele pode ter visto o atacante de sua casa e então sonhou com essa baboseira de não poder ver o rosto dele, talvez porque não o tenha visto por estar escuro, já que era noite.

A essa altura Kenya já estava entediado com a discussão de Riutt e Zogt, então aproveitou para ponderar e colocar em ordem os pensamentos. Após alguns minutos de acalorada discussão, os dois fizeram silêncio ao perceberem a expressão distante no rosto de Kenya. Ele entrara em transe mais uma vez. Todavia, ao se dar conta do silêncio que dominava a sala, Kenya ergueu os olhos e disse:

- Já?

- Como já??? - perguntou Zogt, inconformado - Você não prestou atenção em nada do que nós dissemos?

- Por que prestaria? Vocês não prestaram atenção quando eu lhes tentei dizer que o que sonhei, sonhei devido às estórias que meu pai contou nas noites que antecederam àquela do ataque e, mais uma vez, não me permitiram concluir o raciocínio por mais uma vez discutirem algo que já está concluído.

- E do que se tratavam então essas estórias? Vai dizer que seu pai conhecia os Sitts.

- Não diria que ele os conhecia, mas conhecia as lendas. Eis aí o principal motivo de eu ter a certeza de que meu pai era um Ibott. Não me lembro exatamente das estórias, mas eram sobre os meteoros, que, ao caírem, se assemelhavam ao sol. Contou-me estórias sobre o surgimento dos Ibotts, embora, e disso eu tenho certeza, ele não os chamava de Ibotts, mas sim de ‘Protetores’. Contou-me também um pouco da lenda dos Sitts, ou, como ele os chamava, dos ‘Dominadores’. Porém, em ambas as noites, adormeci antes da conclusão. Ele não parecia se achar um "Protetor”. Antes, lembro-me bem da maneira como ele começou a contar aquelas estórias da primeira vez. Ele disse algo mais ou menos assim: ‘Não sei se é verdade o que eu vou lhe contar, filho, mas meu pai me contava essas estórias quando eu era pequeno, dizendo que havia sido seu pai quem lhe contara...’. Não sei se vocês entenderam, mas isso fazia de mim um...

- Ibott de terceiro grau! - completou Leygha - e isso explica o fato de você ter corrido horas a fio atrás de seu pai e ter perdido os sentidos com a queda. Se você fosse um Ibott de primeiro grau, ou mesmo de segundo, talvez não tivesse perdido os sentidos.

- E explica também o sonho que tive. Foi mera coincidência.

Após alguns instantes em que todos estavam digerindo as conclusões a que Kenya chegara, Riutt praguejou:

- Mas, pelo Pavor da Fetcis, Kenya, o quê você estava fazendo lá no topo do monte Mauna quando o meteoro caiu?

- Confirmando o que os moradores da ilha estavam dizendo. Ouça: Logo no dia seguinte, depois de me despedir do capitão, fui confirmar as estórias que os marinheiros estavam contando lá em Pireus. Embora os havaianos fossem muito hospitaleiros, a maioria ria quando eu lhes perguntava a respeito dos relatos que me contaram. Então, depois da terceira zombaria, ao invés de me passar por tolo, comecei a me fazer de curioso quanto às lendas e mitos que os nativos contavam. E deu certo. Havia uma lenda que contavam a respeito de feiticeiros que habitavam o topo do monte Mauna Loa. Ninguém nunca os tinha visto, mas, dizia a lenda, ninguém que tivesse ido até lá havia retornado. Então, *eu* fui até lá.

"Não foi nada fácil subir aquela montanha. Subi correndo para não perder tempo, e, quando estava pouco mais do meio da subida, depois de um dia e meio correndo, só parando para degustar algumas das frutas que encontrava no caminho ou para dormir, senti um tremor no ar, como se tivesse ocorrido uma explosão, mas o som era como que de algo caindo e não o de uma explosão. Olhei para o céu e o que vi foi algo bem parecido com o que havia visto no sonho: o sol caía. E caiu, bem perto de mim. O impacto me jogou longe, e eu perdi os sentidos.

"Quando acordei, estava em uma caverna, deitado no chão. Estava nu e todo chamuscado, como se tivesse saído do meio de um fogaréu. Ainda meio tonto, percebi que tinha alguém do meu lado. Mas, quando me virei para olhar, não havia ninguém. No chão, ao meu lado, havia uma muda de roupa. Era uma roupa estranha, isto é, na época eu achava estranha. Era de uma material que parecia borracha, mas brilhava como o couro. Entretanto, era tão leve e maleável quanto o linho.

- Não era bettiche? - perguntou Riutt.

- Não diga! Sério? - ironizou Kenya.

- Deixe-o contar à maneira dele, Riutt! - disse Leygha

- Obrigado. - agradeceu Kenya - Bem, continuando. A roupa era estranha, mas era melhor do que eu andar nu por aí. Pelo menos a cor me agradava: vermelho, bem escuro, com detalhes em preto. Mas, antes de me vestir, como eu ouvira o som de água correndo, fui para fora da caverna e avistei um rio, bem em frente. Porém, quando desci para me banhar... quando olhei para o céu... bem, estava escuro. Uma fumaça grossa e negra havia coberto todo o céu. Lavei-me rapidamente, vesti-me, e tentei voltar para o local do impacto. Não vi uma pessoa sequer no caminho. As casas estavam todas desabitadas. A fumaça tinha tornado o ar pesado para se respirar. Conforme fui me aproximando do sopé do monte, mais devastada a paisagem ficava. Rochas vulcânicas, ainda quentes, haviam ocupado o lugar das árvores que ali havia. De fato, o Mauna Loa havia entrado em erupção com a queda do meteoro, e o estrago não foi pequeno.

"Eu não entendia porque, mas sentia como se tudo aquilo tivesse sido culpa minha. A razão dizia que não, é claro, mas meus sentimentos me culpavam. E esses sentimentos foram tomando conta de mim, e quanto mais eu pensava nisso, mais rápido corria em direção do local do impacto, e quanto mais rápido corria, mais nervoso comigo mesmo ficava. Minha raiva era tamanha, que nem notei a velocidade que estava correndo. Só sei que cheguei lá com menos de uma hora de corrida; só para constatar que não havia nem sinal do meteoro que me atingira, a não ser pelo buraco que ele causara, de onde agora saía rios de lava. Como *eu* havia sobrevivido àquilo? Por que é que, embora a fumaça tóxica me incomodasse, ela não me fazia mal? Por que é que, embora o calor proveniente do vulcão fosse enorme, não me abrasava, mas, ao contrário, era quase a ponto de ser aconchegante? Por quê? Foi só então que reparei que eu ardia. Não que estivesse pegando fogo, mas eu sentia que de mim estava saindo uma onda de calor muito grande. O calor não estava entrando em minha pele; estava saindo dela. O que significava isso? Na verdade, só esse fato já era tão estranho, que nem reparei em outra coisa estranha: a roupa que eu vestia não sofria dano algum com o calor.

"Olhei em volta e lembrei-me da lenda dos feiticeiros. Antes que eu ficasse louco com tantas perguntas que me vinham à mente, comecei a andar em volta, por onde era possível passar (o calor não me incomodava, mas eu não me arriscaria tanto a ponto de pisar na lava como uma criança pisando na água que banha a praia), procurando vestígios de algo que validasse a lenda. Mas é claro que não encontrei nada. Resolvi subir um pouco mais, então, mas desisti antes de chegar ao topo, porque a fumaça engrossava à medida que eu subia. Portanto, parei e sentei no chão quente para meditar. Foi quando, mais uma vez, notei que alguém me observava. Olhei rapidamente para trás e, no meio da fumaça, vi a silhueta de alguém. Fiquei parado, olhando. De repente, a fumaça que o envolvia começou aos poucos a se afastar. Então o vi, e eis que visão! Seu rosto era como o da águia, e sua vestimenta era de ouro puro. Sua capa era vermelha, como o sangue. Mas aí a fumaça se dispersou de vez, ficando apenas à nossa volta, e não em nosso meio, de maneira que eu pude notar melhor.

"Ele não tinha o rosto de uma águia, mas a parte da armadura que lhe cobria o rosto tinha tal formato, deixando visível apenas seus lábios e queixo. Sua armadura não podia ser de ouro, pois ouro não é transparente; e sua armadura era um pouco. Sua capa, bem como a roupa negra que ele vestia por baixo da armadura, era do mesmo material de minha roupa. A armadura não era de uma só peça: parte cobria os pés, parte cobria a perna, parte cobria a coxa, parte o peito, parte o braço e parte o antebraço, bem como as juntas de seus dedos e as costas de suas mãos. A peça que lhe cobria o peito tinha o formato de uma águia com as asas abertas voltadas para cima, unindo-se à sua capa. Seus olhos, que pareciam ser de vidro, eram vermelhos como o fogo.

Riutt ameaçou falar alguma coisa, mas Zogt, que estava à sua frente, não lho permitiu. Kenya nem se deu conta, e continuou:

- 'Aloha, Yoannis!', disse-me, com uma voz grave. Fiquei momentaneamente atônito, e então perguntei: 'Q-quem é você?'. Então ele me respondeu: 'A pergunta é: quem é você *agora*? Estou certo de que você está confuso, talvez com muita raiva; raiva por não entender, por não saber o que está havendo com você. Bem, eu tenho as respostas à maioria das suas perguntas. Você pode vir comigo e obtê-las, ou pode ficar aí e enfrentar as conseqüências. O que vai fazer?'. Mas antes que eu pudesse responder, sua capa começou a pegar fogo. Na verdade, ela se fez em fogo e tomou forma de duas asas ardentes enormes. Estendeu-me a mão como que num convite. Hesitei por um instante, mas fui com ele, ou melhor, vim com ele.

- Posso perguntar agora? - falou Riutt, olhando para Zogt, mas não esperou a resposta - Isso é incrível! Como Kenya tem tanta sorte? Ninguém nunca conseguiu sequer ter um diálogo com Phoenix, e, no entanto, Kenya até "voou" com ele. Eu não sabia nem ao menos como era a aparência dele!

- Na verdade, - disse Kenya - ele foi um dos que me treinaram.

- Você foi aprendiz de Phoenix??? - falou Zogt, ficando de pé, com um ar descrente.

- Sim, mas foi por pouco tempo. A maior parte do meu treinamento foi o próprio Brahfma quem me deu, me ensinado a controlar meus sentimentos. Mas, para aprender a controlar minha habilidade de resistência ao fogo, Phoenix me treinou.

- Por falar nele, alguém sabe exatamente o que houve com ele? - indagou Leygha. Kenya respondeu:

- Há alguns comentários de que ele foi morto em batalha ao defender um Ibott.

- Sim, mas contra quem?

- Quem sabe? Na verdade, como o próprio Riutt disse, ninguém nem sequer conseguiu falar com ele alguma vez. Mesmo comigo ele só dizia o necessário. De onde ele vinha, para onde ele ia ou onde ele habitava, ninguém sabe. Alguns chegam a ponto de dizer de que ele escolheu esse nome para si por ser a própria encarnação da ave Fênix da mitologia grega.

- Kenya? - interrompeu Zogt - E seu pai? Você não conseguiu encontrar qualquer vestígio do paradeiro dele?

- Eu me perguntava sobre ele todos os dias. Por isso, depois de aprender como me controlar emocionalmente, voltei à minha procura. Não permaneci aqui nem um ano completo. Não podia ficar aqui. O desejo de querer saber do meu pai era maior. E, foi nesta ânsia de encontrá-lo, após sete meses de procura, que eu encontrei Leygha. Na verdade, acho que foi o fato de tê-lo encontrado que me fez esquecer minha busca e, com o tempo, o meu passado. Lembra-se, filho? - Leygha, sem conseguir conter a emoção da lembrança, apenas afirmou com a cabeça. - Você era uma criança mirradinha, magrinha e corcunda. Devia ter uns oito anos na época. Era um menino de rua. Não tinha pais; não tinha amigos; e era muito maltratado pelas pessoas, principalmente por outras crianças. Lembro-me como se fosse ontem do dia em que o vi pela primeira vez.

============//============

"Eu estava investigando uma lenda folclórica em solo brasileiro, no lugar que hoje é conhecido como Chapada de Diamantina, na Bahia. E lá, naquelas ruas de paralelepípedos, com casas simples e humildes, porém, convidativas, cujos moradores estão sempre prontos para acolher um visitante, foi que eu o vi sendo judiado pelas outras crianças. Quando eu as ouvi chamando-o de "Deformado”, por causa de sua corcunda, e atirando pedras nele para expulsá-lo de de perto delas, se não fosse pelo meu treinamento, pela Fetcis! eu juro que as teria matado! Me interpus, então, entre ele e elas, e, censurando-as, enxotei-as de lá. Imediatamente, sua reação foi me abraçar e agradecer por defendê-lo. Mais tarde, outros comentaram comigo que ele nunca havia se aproximado de qualquer pessoa daquele jeito, e que ele costumava comer o que deixavam para ele na praça da cidade.

"Conversei com ele, ou pelo menos eu tentei, mas ele nada me dizia sobre seus pais ou sobre qualquer coisa que tivesse a ver com família. Na verdade, quando lhe mencionei esta palavra, ele me abraçou. Era como se ele me dissesse que eu era sua única família. Ensinei-lhe muitas coisas enquanto permaneci ali, inclusive a ler e a escrever. 'Ele é bem rápido e inteligente para um humano', eu pensava. Conforme se passavam os dias, eu ficava preocupado em como ele reagiria com a minha partida. Na verdade, eu estava mesmo era preocupado em com *eu* reagiria. Mas, na véspera da minha partida, eu tive uma surpresa!

"Naquele dia eu fui mais cedo que o normal procurá-lo na praça. Lá chegando, eu vi uma roda cercando dois homens que brigavam, cada um com um facão na mão. Chegava a sair faísca quando o aço de uma lâmina resvalava no da outra. Lembrei-me imediatamente da cena que vira alguns anos antes em minha terra. Entretanto, diferente daquela ocasião, esta briga não era de verdade, mas tratava-se de uma encenação para a diversão do público. Só que não foi isso o que o menino pensou, pois este entrou no meio da roda, se atirando por sobre as pessoas, caindo em cima de um dos brigões, nocauteando-o. Então ele se virou para o outro homem. Seus olhos expressavam ira e medo, ao mesmo tempo. Abri caminho no meio do povo, desarmei o segundo homem, peguei o menino e levei-o dali. Não havia dúvidas: ele era um Ibott!

- Leygha, - interrompeu Zogt, - você não se lembra de nada antes disso?

- Não. - Após uma pequena pausa, continuou - Mas lembro-me do que senti quando vi os dois brigando. Primeiro uma tristeza muito grande tomou conta de mim. Não sei porque, mas lembrei-me dos meus pais na hora. Talvez eles tivessem morrido em uma situação assim, ou... sei lá. Sei que em seguida fiquei tão nervoso que não pensava em nada mais a não ser desarmar os dois.

- Essa estória está ficando cada vez mais estranha! Mas, continue Kenya.

- Obrigado; muito gentil o senhor! Bem, comecei então a treiná-lo e a ensiná-lo a controlar seus sentimentos. Até então eu o considerava um amigo; talvez um irmão. Mas com o passar do tempo comecei a cuidar dos interesses dele como se fosse meu filho. Na verdade, era ele quem me chamava de pai. Imaginem! Tornei-me pai aos dezoito anos! Até então, sempre que me dirigia a ele, eu o chamava de "Filho"; mas não podia continuar chamando-o apenas de filho. Tinha de lhe dar um nome. Como "João" era um nome bem comum, e era, por assim dizer, a forma de dizer meu nome grego, Yoannis, em português, batizei-o assim.

- Por que você não o trouxe para cá de imediato, Kenya? - perguntou Riutt.

- Pra falar a verdade, *eu* não me sentia bem aqui. Eu só passei a gostar daqui muito tempo depois. Além disso, queria dar a meu filho um estilo de vida que fosse o mais normal possível.

- E o que há de anormal no nosso estilo de vida??? - praguejou Zogt

- Nada. Era assim que pensava na época. Se fosse agora, embora eu ainda seja muito apegado aos humanos, é claro que eu iria trazê-lo para cá sem pestanejar.

"De qualquer maneira, naquela época, deixei de procurar pelo meu pai. Comprei uma casa em uma cidade que ficava ali perto, chamada Mucugê, e passei a morar ali. Dava aulas na única escola que havia naquela cidade. Meu filho, é claro, era o melhor da turma, mas não se entrosava com os outros. Eu era seu único amigo, seu único confidente.

"Três anos se passaram antes de nossas vidas tomarem rumos completamente diferentes”.

***Sztolgah***

**(O Aprendiz)**

A

quela tarde parecia ser normal, como todas as outras que a precederam. Um ar fresco soprava pela janela da casa de Oscet[[2]](#footnote-2), no Brasil, ao passo que se podia ouvir lá fora o barulho das crianças que, sedentas de diversão, não se deram conta que já se passara a hora do almoço. Kenya debruçara-se na janela e divertia-se com as peraltices delas. Até que algo lhe chamou a atenção.

De fato, uma simples descoberta causou uma revolução entre os Ibotts. Estes passaram a considerar a Fetcis da maneira correta; por sua vez, isso possibilitou um melhor aproveitamento dele, causando assim um "salto" na tecnologia Ibott, que já era extremamente avançada. Ora, antes não se podia prever nem sequer a queda de um meteoro radioativo, ao passo que agora, graças aos satélites Ibotts, pode-se detectar um meteoro até 2,3 *zt*[[3]](#footnote-3) de distância. E foi essa tecnologia que gerou o alerta.

Brahfma olhava o visor como quem não acredita. O cálculo estava certo: 587 meteoros, dos quais 325 atingiriam a Terra; os demais passariam perto dela. Eles não estavam próximos um do outro, sendo que a distância que os separava indicava uma queda ininterrupta de meteoros radioativos na Terra por pouco mais de um ano, sendo que alguns poucos poderiam cair pelos próximos 10 anos. A data prevista para a queda dos primeiros meteoros? 4 de Dezembro de 1991, depois do meio-dia, conforme horário nas Filipinas, local do início do que passou a ser chamada de “Segunda Grande Queda”. Dois anos era muito pouco tempo para se tomar as devidas providências, pensava Brahfma. Eles precisavam agir rápido. De maneira que, imediatamente, convocou as duas maiores autoridades do império, abaixo apenas dele próprio, naturalmente: Aknyra, líder dos Civinoats, e Kenya, líder dos Duitgaies.

Kenya atendeu ao chamado imediatamente, despedindo-se de Oscet, cujo nome em seu país é Antônio, e de sua esposa, Débora, partindo sem nem ao menos degustar a aparentemente deliciosa refeição preparada por ela. Aknyra, por outro lado, tinha seus próprios planos.

Quando ele chegou ao palácio, Brahfma já estava terminando de mostrar a Kenya os possíveis locais das quedas para que ele organizasse os Duitgaies de modo a não permitir que nenhum meteoro afetasse os humanos.

- Não sei por que vocês se preocupam tanto com esses humanos. – disse Aknyra, interrompendo a explicação do Jortt – É provável que alguns até se tornem Ibotts também e se juntem a nós!

- A vida, meu filho, mesmo a vida humana, é muito valiosa, e certamente muitos deles morrerão se atingidos por esses meteoros.

(Brahfma nunca escondeu seu parentesco com Aknyra. Outrora, muitos acreditavam que este seria o próximo a assumir a posição de Jortt. Mas esse conceito havia mudado nos últimos anos. Aknyra se fazia ausente muitas vezes, além de não ter o mesmo desempenho e eficácia de Kenya, que executava qualquer ordem ou dever com paixão. Ele tinha o mesmo modo de pensar de Brahfma, diferente de Aknyra, que não escondia o seu desprezo pela vida humana. A única coisa que permanecia um mistério nos últimos tempos era o motivo pelo qual às vezes Brahfma passava a pensar do mesmo modo que Aknyra, e mudava totalmente sua maneira de agir na tomada de decisões).

Dizendo isso, Brahfma ordenou a Kenya que agisse imediatamente. Após a saída deste, ele e Aknyra se dirigiram a outro lugar para acertarem detalhes, dos quais dependia a segurança, não dos humanos, mas dos Ibotts.

============//============

O plano de Kenya para impedir que os meteoros atingissem a Terra teria sido plenamente eficaz se ele dispusesse de mais homens. Todavia, sob sua administração estavam apenas os Duitgaies, a saber, Oscet, responsável pelos continentes americanos; Ritp[[4]](#footnote-4), pelo continente africano; Uts[[5]](#footnote-5), continente Europeu; Noy[[6]](#footnote-6), continente asiático; e Polus[[7]](#footnote-7), responsável pela Oceania e Antártida.

De maneira que três regiões acabaram sendo atingidas por algum meteoro, sem se mencionarem aqueles que caíram nos oceanos e foram deixados em segundo plano, posto que a prioridade fosse impedir os meteoros que poderiam afetar os humanos. O primeiro deles caiu na Polinésia Francesa, no Taiti, em Taravao; o segundo atingiu o litoral brasileiro, próximo à Bertioga, em São Paulo; e o terceiro colidiu no departamento de Tivauane da região de Thiès, no Senegal.

***Alrotvin Uj***

**(Primeiro Intervalo da Série)**

A

pressados passos ecoavam por todo o gélido templo. Ansioso por transmitir as novas, que ele julgava serem boas, o estranho mensageiro de vestes negras como a noite dirigia-se pelos corredores até a Sala Sagrada. Ele sempre temeu entrar ali, embora ultimamente tivesse de fazê-lo com certa freqüência. Ora, havia rumores de que, anteriormente, um outro membro do conselho havia sido morto por meramente discordar daquele que possuía o poder supremo.

Com a voz trêmula, mas jamais vacilante, ele encetou seu dito proverbial perante a imponente, contudo, vazia, armadura que representava seu deus. Três longas exclamações foram necessárias antes que fosse ouvido. E, por mais que ele já tenha presenciado aquela cena, ela sempre lhe dava arrepios.

Como que por magia, a iluminação gerada pelas tochas acesas em volta da sala diminuiu. Um forte vento vindo do lado de fora passou pelo mensageiro que sentia seus ossos congelarem – literalmente. Pouco a pouco, de negra a armadura passou a emitir um raio de luz sem igual. Ela assumiu a forma de um homem, como se estivesse vestindo algum. Entretanto, nada havia dentro dela, a não ser uma misteriosa sombra que tinha por olhos dois pontos luminosos, como se fossem dois cristais de gelo. A própria armadura parecia agora ser de gelo puro.

O mensageiro quase não conseguia respirar. Ajoelhado e encurvado, ele ouviu aquela voz que lhe aterrorizava até mesmo nos sonhos:

- Fale! O que o traz a mim?

- Oh glorioso Senhor de Zecigtre! Estou certo de que já sabes do triunfo que tivemos perante os Ibotts, pois teus olhos tudo vêem.

- De fato já sei. Não há profecia minha que não venha a se cumprir, nem palavra que saia da minha boca sem causar o efeito desejado. Contudo, sinto um tremor na sua voz. O que o aflige?

- Meu Senhor, tu bem deves saber que o Jortt de Shangrilla também possui as suas profecias e que ultimamente elas vêm se cumprindo com grande rapidez.

- Não há com que se preocupar. Brahfima já não poderá nos causar dano, nem tampouco suas profecias.

- Mas Senhor, os Ibotts falam do início do cumprimento da profecia sobre a classe zero, que há de nos subjugar e destruir!

- Este Ibott a que você e essa tola profecia se referem não passará de mais uma peça em meu tabuleiro. Não há com que você se preocupar.

- Mas por causa dele, já não poderemos contar com Aknyra!

- Basta! Não será esse contratempo que irá impedir minha poderosa mão de recair sobre os Ibotts. Direi agora o que desejo que vocês façam. Vejamos qual palavra há de imperar: a minha ou a de meu irmão.

1. **EC** – Era Comum. Termologia mais exata do que d.C. (depois de Cristo). O equivalente a a.C. (antes de Cristo) é AEC (Antes da Era Comum). [↑](#footnote-ref-1)
2. Oscet: Lit. “Escorpião”. Designado Duitgaie das Américas em 1863. [↑](#footnote-ref-2)
3. Zotsoc: Unidade de medida. 1 zt representa 1 mês luz, i.e., a distância que a luz percorre em 30 dias, cerca de 777.600.000.000 km. [↑](#footnote-ref-3)
4. Ritp: Lit. “Gorila”. Designado Duitgaie em 1862. [↑](#footnote-ref-4)
5. Uts: Lit. “Urso”. Designado Duitgaie em 1861. [↑](#footnote-ref-5)
6. Noy: Lit. “Leão”. Irmão de Uts, foi designado Duitigaie na mesma ocasião. [↑](#footnote-ref-6)
7. Polus: Primeiro a ser designado Duitgaie, recebeu seu cargo em 1860. Seu nome não é derivado de um termo Ibott, e sim grego. [↑](#footnote-ref-7)